



ernst reijseger
COLLA PARTE

recontado por

BRENO KÜMMEL

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Ernst Reijseger

COLLA PARTE

recontado por

BRENO KÜMMEL

MARÇO DE 2008
VOLUME 58

MOJO
BOOKS

ernst reijseger

COLLA PARTE

recontado por

BRENO KÜMMEL

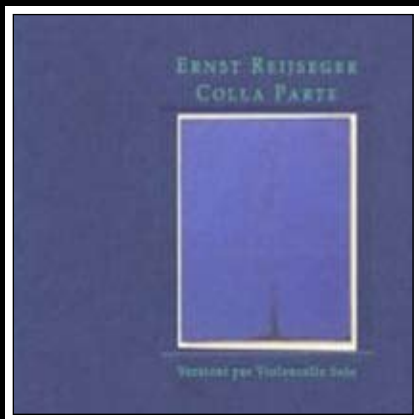
EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**

REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **DELFIN**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Colla Parte
2. Ricerare
3. Gwidzas
4. Ritornello
5. Garbato Con Sordina
6. Violoncello Bastardo
7. Toccata
8. Divertimento
9. Giocosu
10. Rosaous
11. Passaggio
12. Cello Di Buddha
13. La Madre Di Tutte Le Guerre

COLLA PARTE ERNST REIJSEGER

LANÇAMENTO: **1997**
SELO: **WINTER & WINTER**



AS QUATRO VIDAS DO CAVALO

I.

O cavalo ganhou vida aos poucos. De início ninguém percebeu, é claro, caso contrário não teriam aberto os portões e deixado ele entrar; ou melhor, carregado ele para dentro. Pesadíssimo.

Esta decisão não foi desprovida de polêmica. As discussões na ágora a respeito disso pareceram não ter fim. Tiveram, todavia, e favorável ao objeto, tanto que os doze dos homens mais fortes de Tróia empurravam e puxavam por cordas aquele trambolho enorme pro centro da pólis. As largas ruas felizmente facilitavam a locomoção.

Largas, sim, mas, para o sofrimento dos homens ali dentro, não eram nem um pouco lisas. Aquilo era de um desconforto inimaginável. O sol cozia todos ali dentro daquela escuridão entrecortada por pequenos feixes de luz das frestas entre as tábuas. Era tão grande confusão de pernas e braços, armaduras e farpas, suor e mal-hálitos que era difícil saber se ali dentro havia doze homens mesmo ou se seriam mais. Tamanho era o aperto que agora não parecia tão inquietante a idéia de não terem o que fazer além de esperar até o momento certo.

II.

Lá fora as comemorações começaram sem mais atrasos: após dez anos, vitória! A noite foi grande, comes e bebes esbanjados despidoradamente. O vinho jorrava como de uma tempestade, só faltando correr pelas ruas em riachos.

A dúzia de dentro ouvia tudo, mesmo meio abafado: as risadas, as piadas, as dedicatórias, os agradecimentos, a felicidade inteira. A noite, no entanto, continuava fria, friíssima, e o vento não encontrava dificuldades em atravessar o cavalo e, pelo que sentiam, as pessoas ali dentro também. Não foram poucos entre eles que imaginaram ser melhor morrer do que aquilo. O duro e escuro subsolo não parecia oferecer tanta diferença.

O cheiro lá de fora também entrava com o vento, e mesmo misturado ao suor, ao bafo, ao cecê, e até mesmo a urina de dois ou três deles, ainda era possível distinguir as várias comidas com seus temperos apetitosos. A raiva (inveja) disso tudo tornava a demora mais dolorosa, mas ao mesmo tempo mais suportável, adoçando a futura vingança.

Silêncio, enfim. Era hora. O soldado designado, o de baixo, mais próximo da portinhola, foi abrir para que eles saíssem. Finalmente.

Não deu certo. Ele fez como lhe ensinaram, com todos os mecanismo-

zinhos de proteção para que não houvesse falhas.

Houve. Os outros já se mexiam e remexiam, inquietos. Uns pensaram em falar alguma coisa, perguntar e tal o que estava acontecendo, mas acharam que talvez era melhor não, não ficar pressionando o homem.

Depois de um tempo era impossível permanecer calado. Quebrou o tenso silêncio o soldado de cima, que estava diretamente embaixo das costas do cavalo, onde estaria a coluna vertebral, ou talvez o fígado. Perguntou o que afinal estava acontecendo, qual o porquê de tanta demora, e as sílabas, todas, reverberaram pelo interior mais do que parecia natural. Estranho.

Ainda deu pra entender o que foi dito, tanto que o outro respondeu imediatamente, a portinhola emperrara. Tão emperrada que não conseguia sequer encontrar a divisória que separava sua madeira da madeira do resto do cavalo.

Ele não disse essa segunda parte, sabia onde ficava, ou melhor, lembrava, ou melhor, achava que lembrava, embora não admitisse para si próprio. Pediu uma ajuda aos companheiros, para que todos forçassem para baixo, na direção dele.

Naturalmente ele se arrependeu, pois além de não ter adiantado, não era nada agradável ser pressionado por dez homens daquele jeito contra uma parede, ou chão, dependendo do ponto de vista.

Ai.

III.

Gritou para que parassem. Tivera uma idéia melhor: levou a mão até o cinto para alcançá-la. Era sua adaga.

Cada um carregava sua espada e escudo, mas quase que por formalidade. Caso fossem descobertos, não seria nem perto do suficiente para se defenderem direito, mesmo surpreendendo uma cidade de ressaca.

(O plano era abrir os portões da cidade no meio da madrugada para que o resto do exército pudesse invadir e fazer seu trabalho, eles sendo apenas o gatilho de todo o esquema. Assim tinham sido instruídos).

O soldado pegou sua adaga. Tinha sido de seu pai, mas não era presente: era herança. Ele foi o primeiro grego a perder a vida por causa desse caso todo, diziam, antes mesmo da guerra se oficializar. Os colegas tristes lhe entregaram a adaga, único objeto dele que conseguiram recuperar, e ele, ainda um garoto naquela época, jurou vingar sua morte, com os olhinhos cheios de lágrimas, segurando a arma na mão trêmula com toda sua força.

Dramático!

Foi pensando nisso tudo que acidentalmente acabou perfurando a própria traquéia. Primeiro ele tentou com a ponta, passando-a onde ficaria a tal linha divisória entre a portinhola e o resto, mas nada aconteceu. Depois

tentou com mais força, quase esfaqueando o chão, nem sempre acertando onde queria. Foi repreendido pelos outros soldados: essa grosseria acabaria com o fio da bela arma, inutilizando-a.

Resmungando, ele virou a arma e tentou bater com o cabo. Talvez desemperrasse. O esforço de tudo isso fez com que ele suasse, fedendo mais um pouco e deixando as mãos molhadas. A faca com o impacto subiu escorregando por entre os dedos e cortou sua garganta. Aparentemente os colegas não tiveram do quê reclamar, a lâmina não havia perdido nada de seu fio.

Sangrou até morrer, tossindo, engasgando e tremendo.

IV.

— Caralho, agora que fodeu de vez — disse um deles, o que ficava onde mais ou menos ficaria o fígado.

Sim. Assim que amanhecesse, os de fora veriam o sangue escorrendo pelas das frestas do cavalo. Ateariam então fogo no “presente”. Ou jogariam de um precipício. Ou algo parecido. E seriam mais uns dez anos para outro plano assim aparecer, alguma nova chance de término.

A guerra poderia também se estender indefinidamente, arrastando-se pelos séculos até não restar mais nada. Tudo por causa de uma portinhola que emperrou. E o coitado lá embaixo, estremecendo, ainda, seu corpo agora tapando a saída. Isso se ainda existisse.

O sangue começou a subir. Era natural que escorresse do cadáver e acumulasse um pouco, mas não daquela maneira. Não era uma poça que aumentava, e sim finíssimos fios que se estendiam pelo interior da construção. Eles subiam pelas paredes e pelos homens, como se quisessem alcançar algo no topo.

Os homens se perguntavam o que era aquilo, que coisa, o que que estava acontecendo, algum feitiço, alguma maldição, alguma coisa...

No topo, os fios se esticavam buscando alcançar todos os cantos possí-

veis. Os filetes agora engrossavam, riozinhos, pequenos vasos sangüíneos, feitos inteiramente da matéria que transportam.

Eles continuavam se dividindo, achando novos percursos, novas áreas, sem discriminar superfícies, passando por metal, tecido, pele, madeira, tudo, simplesmente se espalhando, e o cadáver embaixo já submerso em seu sangue, era impossível, impossível haver tanto sangue dentro de um homem, um já murmurava, reclamando pra ninguém, e os outros agora se debatiam ao sentir o sangue timidamente entrando em seus orifícios, narinas, ouvidos, tossiam, se esfregavam, tentavam desviar os fios e não adiantava, as mãos eram também caminhos a serem percorridos e cobertos, e os homens de dentro não se importavam mais com os de fora, não havia mais mundo de fora, e se houvesse era impossível que fosse pior do que este, e gritavam, queriam acordar todos para que soubessem que se tratava não era uma estátua inocente, de um presente bondoso, que na verdade era uma armadilha, que haviam pessoas ali dentro, que era preciso escancarar aquele simulacro para que pudessem salvar Tróia, para que pudessem salvar alguns gregos, aqueles gregos, que já lutavam entre si, querendo sair dos lugares onde o sangue já se acumulava mais, mas o aperto impedia qualquer grande movimento, então perceberam que não dava mais pra saber se já era manhã ou não, o espaço entre as tábuas não existia mais, as frestas fecharam, de alguma forma as frestas fecharam, e eles agora tentavam quebrar o cavalo, chutes e socos nas paredes, coices e

cabeçadas, no teto e no chão, se é que conseguiam distinguir um do outro, era tudo parede, talvez, e só resultava em mãos quebradas, e não havia mais saída não havia não não.

V.

Os cidadãos se acumulavam ao redor da estátua, mas tinham medo de chegar muito perto. Mães impediam que seus filhos corressem para perto do centro da praça. Rumores variados percorriam até os lugares mais distantes da pólis, falando de uma novidade inteiramente inusitada. As versões eram muitas, mas todas conseguiam atrair os curiosos até a ágora.

A verdade era que a estátua tremia.

A princípio era quase imperceptível. Só quem encostava em sua superfície, e naquela hora muitos não estavam sóbrios o bastante para passar juízo quanto a isso.

Pouco depois, no entanto, não era mais possível desmentir. O chão próximo às rodas da base da estátua já era incômodo aos pés, e se escutava um som meio surdo, uma nota grave mais fácil de se sentir do que escutar, mais pertencente à pele do que aos ouvidos.

Mais do que alguns poucos começaram a se perguntar se não tinham cometido um erro terrível ao trazer aquela coisa para sua cidade. Alguns diziam que alguém deveriam atear fogo naquilo, ou que era melhor jogar de um precipício.

Outros falaram que o melhor era esperar.

VI.

E esperar fizeram, exatamente como seus rivais gregos do outro lado do muro, onde as perguntas eram muito mais inquietantes. A madrugada veio e foi e os portões da cidade permaneceram parados. Perguntavam-se o que teria acontecido com os soldados. Espiões haviam informado que a controvérsia principal entre os troianos era se deveriam queimar a estrutura ou arremessá-la de um precipício, e claramente nenhuma das duas aconteceram, pois não subira fumaça alguma, nem os portões tinha sido abertos para o despejo do pseudo-presente.

Pode ter sido que os soldados foram descobertos e mortos, simplesmente. Poderiam ter despedaçado o cavalo ali mesmo, sem mais estardalhaços, mas era improvável: eles não perderiam uma chance como aquela de mostrar superioridade. Nenhuma destruição tem grande efeito sem espetáculo. O cavalo certamente ainda estava lá dentro. A questão era o que acontecera com os soldados.

Teriam eles sido capazes de tomar a cidade sem auxílio externo? Só os oito, contra os milhares? Era verdade que a maioria dos inimigos não estaria em capacidade de lutar, de ressaca, de surpresa, mas mesmo assim... Só aquilo? Dez anos de guerra para ganhar assim seria anti-climático demais.

Decepcionante, até.

Um homem entre os gregos lá fora se preocupava em especial. O cavalo era dele.

VII.

O projeto de construir o cavalo era dele. A princípio parecia loucura, mas ele continuou mesmo assim. Só apresentou a outras pessoas quando estava tudo pronto para construção. Nem sequer mencionar a outrem ele havia feito: tudo no maior sigilo.

Estava ciente que corria o risco do ridículo. A maioria decerto riria dele, disse não tinha dúvidas. A questão era se as pessoas certas aceitariam ou não, os comandantes.

Se aceitassem, não haveria maiores questionamentos: tal ato seria imprudente por parte de um reles soldado. Ninguém era doido de contrariar a vontade de algum superior.

Sem ela, entretanto, estaria totalmente arruinado. A humilhação certamente seria grande demais para ele voltar a mostrar a cara na sua pólis. Tornar-se-ia seu epíteto, uma vergonha para o resto de seus dias. Era arriscado, mas não havia outro jeito. Não por estar desesperado pela paz, não; todo aquele teatro lhe era quase indiferente.

É que já tinha se tornado escravo de sua própria idéia.

VIII.

Ela veio sem avisar. Ele costumava descansar dando caminhadas pela praia, junto às naus, chutando uma pedrinha qualquer no meio do caminho. A maioria dos seus companheiros descansava sentando-se ao redor de uma fogueira, ou deitando em suas tendas, conversando sobre o dia; afirmavam ser necessário poupar o máximo de energia possível, nada de desperdícios

Foi uma dessas caminhadas que gerou a idéia. Pensava em mil coisas simultaneamente, as saudades de casa, aquele pôr-do-sol nada dedirróseo, as minúcias do conflito. Pensava se talvez não fosse melhor ir para casa, afinal de contas. Que o motivo daquela guerra era banal demais para arrastar milhares de homens para longe de suas casas e de suas famílias.

Todo esse tempo olhava o chão para que não pisasse em falso em algum buraco e torcesse o tornozelo, mas num certo instante, por acaso, ergueu os olhos e algo chamou sua atenção.

Uma pequenina trilha de fumaça percorria a linha do horizonte. Fumaça marrom, de poeira erguida. Seus olhos sempre foram um pouco fracos, mas mesmo um homem com olhos-de-águia não conseguiria dizer direito o que seria aquilo. Não era possível ver algo além da poeira.

Era como se a fumaça existisse sozinha.

Ele interrompeu sua caminhada e começou a olhar aquilo com alguma atenção. Era intrigante, inquietante: o que poderia ser? Pelo volume de poeira provavelmente se tratava de um cavalo, e pela distância que atravessava no longe, corria o mais rápido que conseguia.

IX.

Aquela visão era de uma certa beleza estranha. Não se sabia o motivo daquela corrida frenética, nem seu destino, nem sua origem. Numa idéia inusitada imaginou que, se de alguma forma fosse possível, o local e o tempo também lhe seriam desconhecidos.

Talvez estivesse exercitando seus músculos como um fim em si mesmo, ou só pra ver a visão distorcer com a velocidade e com cada impacto de seus cascos no solo duro, ou apenas estivesse exercendo livremente sua capacidade de criar imagens belas e insólitas.

Foi só na metade do caminho de retorno ao acampamento que ele lembrou da falsidade da idéia de que um cavalo selvagem era sempre mais rápido que um adestrado. Era bem possível, portanto, que houvesse alguém montado naquele animal lá no longe. A fumaça seria a mesma, a visão seria a mesma, não havia como distinguir.

Poderia haver alguém lá sem que fosse percebido.

Quando se deu conta, ele já não conseguia parar de pensar em todas as outras coisas possivelmente relacionáveis. A fluxo era tão forte que não foi capaz de dormir. Ficava deitado, olhando a suave curva do tecido do topo de sua tenda. Enquanto isso, sua mente voava em disparada.

X.

Um complexo plano era projetado todo dentro de sua cabeça, os detalhes emergiam rápidos e contínuos, um fluxo frenético para a superfície quase pulando do oceano onde antes se escondiam. Era como se, interligados, um puxasse o outro, que puxava um terceiro e assim adiante, mas não em linha reta de fila ordenada, mas sim uma teia bizarra e bagunçada, feita de um fio invisível que conectava tudo através de centenas de nós cegos (sendo impossível desatá-los ou enxergá-los) inegáveis.

Isso era no início. Ao final, as últimas partes, as que concluiriam, que fechariam o todo, as que possibilitariam a existência daquilo tudo fora de sua cabeça, as mais indispensáveis, sofriram para chegar, demorando, gotejando, aos mínimos poucos. Rastejando.

O processo dominava-o completamente. Tudo mais era banalidade: a fome, o frio, o fedor, a fraqueza: tudo secundário. Viveu numa profunda alienação até o final da idéia, seus compatriotas olhando-o estranhando, era como se os olhos dele não focalizassem nada, como se ele estivesse sempre distraído, em outro mundo.

Muito estranho.

XI.

Enfim terminou. Estava tudo pronto, pronto, perfeito. Findo.

Conversou com os superiores do exército. Pediu paciência para que pudesse explicar tudo até o final, que não passassem julgamento apressadamente, e, por favor, não o interrompessem. Estava na verdade tremendo, o medo quase engasgava as sílabas saindo de sua boca. Seu pessimismo nato também atrapalhou mais um pouco.

Não houve controvérsias, entretanto. Todos aplaudiram, ou o equivalente cultural-histórico adequado de aplaudir, dizendo que aquilo era genial, nunca teriam pensado naquilo, mas seria melhor explicar de novo pois não haviam entendido direito aquilo.

E ele, claro, obedeceu.

Eles adoraram especialmente a ironia daquilo, não percebida pelo jovem: um cavalo-armadilha em Tróia. Ha!

XII.

Por isso ele era o mais inquieto de todos com a demora. Todos os gregos, vale a ressalva, pois naquele momento não havia troiano em paz. As autoridades já haviam sido invocadas, mas estas apenas olhavam, fazendo entre si perguntas sem resposta. Ninguém fazia idéia do que era aquilo.

Os cidadãos decidiram dar um fim a aquele cavalo, removê-lo da cidade o mais cedo possível. Foram chamados os homens mais fortes da pólis, os mesmos que o trouxeram pro centro, e mais alguns, para que fosse feito com mais agilidade. Contudo, de nada adiantou. Aquilo não andava. Parecia mais fácil apoiar-se no muro por fora e tentar mover Tróia inteira. Era como se as rodas não estivessem embaixo, pra ajudar, e sim em cima da base, somando peso morto ao cavalo.

O problema era que o cavalo não estava morto.

Dentro, o sangue já havia preenchido todo o interior do cavalo, e engrossava, nos cantos já ganhando um pouco de solidez, transformando-se em carne. Os homens lá dentro já não tinham mais existência, o que seria seus restos mortais já haviam sido completamente digeridos, sem a presença de qualquer resquício reconhecível.

Proteínas.

XIII.

Poucos acreditaram no relato feito pelos espiões, que aquilo realmente estava acontecendo. Ele, o suposto responsável por tudo, no entanto, não duvidou do menor detalhe. A partir do momento em que o projeto ficou pronto, já percebera que não havia nada de impossível sob o sol.

A ordem da construção tinha sido urgente, não tinham mais tempo pra desperdiçar. Logo organizaram os grupos, separando as tarefas e agilizando o processo. Tudo com sua supervisão e direto controle. Não havia mínima decisão que não passasse por seu julgamento.

Aquilo o pegou de surpresa: achava que seu trabalho estava findo com a idéia. Não, pelo contrário, aquilo tinha sido só o início. O verdadeiro trabalho mal havia começado.

Apesar de que em momento algum ele sequer teve de se abaixar para pegar qualquer objeto do chão, foram semanas árduas, um corre-corre incessante, barulheira insuportável, serrotes, martelos, gritos das ordens sendo passadas adiante, tudo. As tábuas sendo erguidas e organizadas na concretização de algo que ele agora pensava nem ser mais possível. As naus são feitas de cadáveres de árvores, ouviu uma vez de alguém, não lembra quando nem onde, e por que aquilo grudara em sua cabeça; Com o

seu cavalo era a mesma coisa. Feito de madeira, que antes eram árvores... matéria morta, ganhando novas formas, inesperadas.

Aqueles devaneios felizmente não atrapalharam o andamento da construção. Logo estava terminado.

Anti-clímax: a estética era tosca, as proporções do cavalo estavam todas erradas, a cabeça pequena demais, as patas tortas e assim adiante, mas uma lista completa seria por demais desagradável.

XIV.

Pelo menos cabia gente dentro, era o que muitos argumentavam, tentando evitar o desânimo. Mesmo assim era um pouco forçado, pois até então não havia se criado algo tão desconfortável quanto o interior daquilo. Era impossível ficar inteiramente em pé, deitado ou sentado, as vigas dentro impediam. Era uma jaula que por si só consistia a tortura. Só era possível entrar contorcendo consideravelmente o corpo naquele labirinto escuro (obviamente os soldados não podiam levar tochas lá dentro, e a luz vinda das frestas só servia para mostrar a existência das próprias).

Os chefes já haviam escolhido quais seriam os corajosos e valentes e valorosos soldados a tripular o cavalo. Não houve muita polêmica, todos sabiam quem eram os melhores homens do exército, e nem precisavam saber, pois cada um deles se voluntariou para a missão, proferindo longos discursos laudatórios e etc e tal.

Todavia, logo tiveram de mudar de idéia. Para abrir os portões de Tróia eram necessários seis homens, nada para mais ou menos. Não era uma questão de força, e sim de cordas e polias: eram seis postos que precisavam ser acionados simultaneamente para que o mecanismo funcionasse. Não havia músculo ou argúcia que pudesse realizar aquilo sozinho. Precisavam

de seis homens ali dentro. E, olhando agora, mesmo de fora, seria quase impossível realizar aquilo. O espaço era limitado.

Construir um segundo cavalo não era viável: não havia mais material, teriam de esperar muito tempo para a chegada de um novo carregamento, o ímpeto estaria todo perdido. Para isso foram reunidos junto às naus todos os soldados do acampamento, enfileirando-os por ordem de altura. Os seis últimos foram chamados.

Os seis menores soldados gregos.

XV.

Acenderam uma fogueira embaixo do ventre do cavalo, mas muitos já suspeitavam que, por algum motivo, não ia dar certo. Olharam para o céu, claro, nenhuma nuvem, sem chuva. A chama começou pequena, mas logo subiu e já lambia frequentemente a barriga da criatura. Claro que demoraria para pegar, mas não deveria ser tanto assim: a madeira sequer escurecia.

Era como se não estivessem fazendo absolutamente nada. Havia algo de profundamente bizarro ali. Uns já percebiam algumas alterações no cavalo, nuances de aparência, coisas assim. A madeira estava diferente. Era difícil dizer como, mas estava. Talvez a cor (menos escura?), ou até mesmo a textura (menos áspera?) ou algo ainda mais mínimo.

Então uma pata se ergueu, súbita, em um movimento-alavanca, quase falsificado, como uma quebra, eu acho que não era para isso ter acontecido, eu acho, não sei.

Era a dianteira direita.

XVI.

A estátua se movia sozinha, o que as pessoas pareciam incapazes de fazer. Muitos acreditavam estar presenciando alguma espécie de truque ilusionista, uma alucinação, que se dissiparia com movimentos bruscos, muitos permanecendo parados pensando que aquilo valeria a pena presenciar.

Muitos não, só o garoto que estava sentado em cima do barril ao lado da entrada de sua casa, um pouco longe, mas com visão perfeita de todo o evento. Boquiaberto, estava encantado, diferentemente das outras pessoas também boquiabertas ao seu redor.

A pata desceu com um estrondo fortíssimo, as rodas envergando, especialmente a diretamente abaixo do lugar de impacto, quase quebrando e inclinando toda a base, talvez o cavalo caísse de cima, ou se aquilo realmente estava acontecendo, perderia o equilíbrio, talvez capotando.

Ergueu agora as duas patas da frente, todo sua insuportabilidade pesadíssima subindo fácil, ágil, leve. Como se fosse fumaça.

XVII.

Caiu explodindo. As rodas saltaram da base, arremessadas pelo golpe, esmagando alguns espectadores ali ao redor. O ruído dos vários ossos quebrando foi absolutamente emudecido pelo que talvez foi o primeiro som nesse mundo que poderia sem hesitações ser chamado de explosão.

A base não o prendia mais, desceu o ridículo degrau em que aquilo se transformara e pisou nas ruas da cidade. Seus cascos deixavam pegadas nas pedras, partindo-as feito gravetos secos. Aparentemente desorientado, começou correr pela pólis sem rumo certo, curvas perdidas, às vezes andando em círculos, quadrados, se repetindo, voltando, como um desesperado.

Destruiu tudo no caminho, casas, comércio, despedaçava tudo, mandando os restos pelos ares, pisoteando pessoas, atropelando carroças, seu semblante apenas indiferente, não diferente de um homem que atravessa um campo gramado, pisando adiante com a mente ocupada em coisas muito menos rasteiras.

Pessoas não sabiam para onde fugir: os telhados das construções desmontavam embaixo das pisadas como se não existissem, não fazia diferença, e os prédios maiores que o cavalo por vezes encontrava eram simplesmente atravessados direto, com uma diminuição leve da sua velocidade, como

um matagal mais cerrado, sem dificuldades.

Algumas tochas ainda acesas da festa da véspera acabaram derrubadas pelo estardalhaço, e suas chamas agora se espalhavam por diversos objetos: palha, tecidos, madeiras e algumas pessoas dispersas pela cidade. A fumaça não parecia incomodar o cavalo, que atravessava os trechos em que ela era mais densa sem nem sacudir a cabeça para afastá-la.

Depois de muito a criatura percebeu que o cerco na cidade era completo, as notórias muralhas de Ílion, que acabara de conhecer sem nome algum. Algumas voltas e já bastou para entender sua situação: era inteligente, a criatura. Percebeu que havia um trecho diferente, como uma remenda, uma falha. Parou na frente dela e deu meia-volta, mirando com o pescoço virado para trás.

XVIII.

As portas arrebentaram, voando em rodopios e aterrissando no chão, se arrastando por umas dezenas de metros arrancando grama e deixando rastros de terra marrom como as portas, como se elas manchassem o chão com alguma suposta tinta.

O barulho assustou todos os gregos, distraídos na espera de sempre, já pensando num possível próximo plano, mais simples, talvez. Tinham escutado rumores estranhos e longínquos, mas não imaginaram que aquilo era índice de qualquer coisa relevante. Só uma cidade se recuperando de uma gigantesca comemoração, como a que decerto teriam em suas homenagens ao retornarem para suas respectivas casas vitoriosos.

Todos se ergueram e se preparavam para uma aproximação à cidade quando viram um cavalo gigante marrom-escuro correndo, saindo da cidade. Pela névoa que o seguia, não deixara a cidade ileso. Mas o que que...

Os soldados esperaram ele sumir pelo horizonte para investigar o que havia acontecido. Nem pensaram em mandar apenas um espião, despercebido na ponta dos pés, invisível a todos; foram todos, a maioria até sem ter as armas preparadas para qualquer coisa, num estado de choque.

Tróia estava em ruínas. Não havia construção intacta. Os rodeios do ca-

valo atingiram tudo. Havia até mesmo um buraco na muralha supostamente impenetrável, do lado oposto ao da entrada. Era grande, não o bastante para a criatura, mas pelo visto o era para os troianos, ao se julgar o vazio das avenidas. De movimento, ali, além dos gregos, apenas alguns incêndios que aos poucos se uniam para formar um só. Nada além disso.

Nada mais a fazer. Era o fim da guerra.

XIX.

Desanimados, saíram todos da cidade, muitos dos soldados mais baixos deixando suas pesadas armas e armaduras ali mesmo. Ao se dirigirem às naus, perceberam no caminho que a direção tomada pelo cavalo parecia muito com a do retorno deles próprios.

Ao retornar às suas respectivas cidades natais, cada líder diferente viu que aquela destruição bizarra e ambulante havia passado por cada um dos povos envolvidos na guerra. Alguns locais já há muito haviam sido abandonados; outros estavam em pleno processo de reconstrução, com apenas os restos precários no qual se apoiar por enquanto. Por muito tempo.

Por muito tempo. Era o fim das guerras.

XX.

O cavalo corria.

Sua pele grossa e áspera apresentava ainda as marcas de sua matéria-prima, as linhas pretas e marrom-escuras mexendo de acordo com os músculos que pulsavam sob a carne, mantendo aquela locomotiva arcaica e inacreditável em movimento. Por não ter pêlo nem crina, o vento lhe era inteiramente indiferente. Dado qualquer momento, a visão daquilo era como a de uma estátua em posição de corrida. Sua origem, assim, permanecia consigo.

Saído de Tróia, um impulso inexplicável o impeliu a tomar o caminho que posteriormente o tornaria notório e temido. Nenhuma das pólis se apresentou como sério obstáculo, e seu trajeto foi basicamente uniforme, desde a menor e mais indefesa aldeia até a maior de todas as populações.

Como a maioria do efetivo desses povoados tinha sido convocado para a guerra, não havia muita proteção contra investidas estrangeiras. Mas não teria adiantado muita coisa. As poucas flechas que puderam ser lançadas penetravam o cavalo. Batiam e rebatiam, como se alvejassem rocha.

XXI.

Findas as cidades, passou a vagar mundo afora. A princípio ainda gozava do prazer de simplesmente poder andar por um lado e para outro, sozinho, independente.

Não durou muito. Após um tempo aquilo já perdera seu apelo, a falta de destino não passava mais uma sensação de liberdade, mas sim de inquietação. Os cenários antes sempre refrescantes em sua variação acabavam se provando repetitivos, mesmo não tendo relação nenhuma: montanhas, planícies, planaltos, rios, desertos, no fim era tudo a mesma coisa.

Cruzou continentes em busca de algo que ainda não sabia o que era. Tentou de tudo, todos os lugares, todos os climas, do mais frio ao mais quente, seco ou úmido. Nenhum parecia fazer diferença.

Esta ausência essencial, indefinida, parecia ser incurável. Sua solidão era incompreensível, não se identificava com nada no mundo. Atravessava tudo e tudo lhe era estrangeiro, passavam-se meses e lugar algum o acolhia, nada se tornava normal.

Por isso continuou adiante. Só parava para se alimentar, devorando árvores (seu pasto) e engolindo lagos. Dormir, não precisava, mas mesmo se conseguisse, evitaria ao máximo. Teria medo dos sonhos.

XXII.

Um dia, ao correr por um trecho litorâneo particularmente extenso, sentiu na brisa um cheiro até então desconhecido, um de uma terra diferente. Um continente novo.

Já atravessara extensões de água antes, canais, rios, baías. Algumas vezes desbravava a água, o nível nunca indo muito além dos tornozelos, mas em geral apenas pulava. Não era difícil. Mas o que sempre encontrava ao aterrissar eram ilhotas inúteis, ou apenas o outro lado do lago, a mesma coisa; poderia ter facilmente contornado, tornando aquilo um tanto quanto fútil. Frustrante.

Percebeu logo que aquilo era diferente. Não era como outras expansões de água. Aquela era gigantesca. Concluiu que o outro lado com certeza seria algo diferente, talvez ali encontrasse...

Estava ciente de que aquele não seria um pulo qualquer. Era arriscado, teria de depositar todas suas forças naquilo.

Tomou distância e pegou impulso. Seria seu maior pulo.

Passou sim pela sua mente que era impossível existir algo no outro continente mais grandioso do que aquele salto, que a travessia seria a finalidade máxima, e não o destino em si, que ao chegar lá suas expectativas

certamente seriam frustradas, pois a frustração estava estruturalmente encrostada em sua continuidade.

Entretanto, continuou correndo.

Os homens que viviam próximo àquela área sentiram a terra chacoalhar como nunca haviam sentido antes. Era um lugar habituado a ocasionais terremotos, mas não daquela forma, sincopados. Eram os cascos batendo de forma alternada: o cavalo muitas vezes ficava sem nenhuma pata no chão, tamanha velocidade. Nesses curtos períodos, que se repetiam, levitava.

No meio da corrida percebeu que não conseguiria, que aquela distância era grande demais, que não havia como, sequer chegaria perto, cairia no meio, afundaria, afogaria, ficaria submerso e seria esquecido, seu cadáver decomporia no fundo do oceano, devorado por plâncton e peixes, seu esqueleto, se existisse, viraria lar de algas e recifes, parte do cenário, cenário.

Mas se parasse, não conseguiria continuar em nada. Agora sabia o que lhe faltava, era aquilo. Não era o continente do outro lado, e sim o salto que o levaria até ele, ou à morte. O que lhe faltava era essa força que parecia surgir do nada. Estava correndo mais rápido do que jamais tinha conseguido, nem no meio da surpresa da sua primeira vez, ao descer daquele degrau naquela cidade entre muros.

Já sentia o chão um pouco mais macio. Talvez fosse a proximidade de seu limite final, ou talvez outra coisa. Não. Viu o mar, o azul adiante. Mais

alguns poucos passos só.

E o cavalo continuou correndo.

XXIII.

E, no fim, pulou, voando, quase.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br